



As experiências corporais de praticantes de Ginástica para Todos: indicadores de uma prática inclusiva

The bodily experiences of Gymnastics for All gymnasts: signs of an inclusive activity
Las experiencias corporales de practicantes de Gimnasia para Todos: indicadores de una práctica inclusiva

Fernanda Raffi Menegaldo 
Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. 
fernandaraffimenegaldo@gmail.com

Marco Antonio Coelho Bortoleto 
Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. 
bortoleto@fef.unicamp.br

10.31668/praxia.v6i0.14626 

Resumo: O objetivo deste estudo foi identificar e discutir as experiências prévias de praticantes de Ginástica para Todos com práticas gímnicas e artístico-expressivas, também denominadas Situações Motrizes de Expressão. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, desenvolvida junto a 378 praticantes brasileiros adultos. Os dados foram obtidos por meio de um questionário Google Forms e analisados estatisticamente. Observamos que 56% dos respondentes iniciaram na Ginástica para Todos sem experiência com outras práticas gímnicas e 49% tiveram experiências com outras práticas motrizes artístico-expressivas (diferentes vertentes da dança, Ballet, Circo, entre outros). O estudo corrobora a importância da Ginástica para Todos para o acesso à prática da ginástica para a população adulta, confirmando ademais o seu potencial inclusivo e o diálogo com outras práticas artístico-expressivas.

Abstract: The aim of this study was to identify and discuss the previous experiences of Gymnastics for All participants with gymnastics and artistic-expressive activities, also called Expression Motor Situations. This is quantitative research, which is developed with 378 adult Brazilian gymnasts. Data were obtained through a Google Forms questionnaire and statistically analyzed. We observed that 56% of participants started at Gymnastics for All without experience with other gymnastics disciplines and 49% had experience with other artistic-expressive activities (dance, Ballet, Circus, among others). The study reinforces the importance of Gymnastics for All for the access of gymnastics activities for the adult population, further confirming its inclusive potential and dialogue with other Expression Motor Situations.

Palavras-chave:

Ginástica.
Situações Motrizes Expressivas.
Praxiologia Motriz.

Keywords:

Gymnastics.
Expressive Motor Situations.
Motor Praxeology.



Palabras clave:

Gimnasia.
Situaciones Motrices de
Expresión.
Praxiología Motriz.

Resumen: El objetivo de esta investigación fue identificar y discutir las experiencias previas de practicantes de Gimnasia para Todos con la gimnasia y con las prácticas artístico-expresivas, también llamadas Situaciones Motrices de Expresión. Se trata de una investigación cuantitativa, desarrollada con 378 practicantes brasileños adultos. Los datos se obtuvieron a través de un cuestionario Google Forms y se analizaron estadísticamente. Observamos que el 56% de los integrantes de los grupos inició en la Gimnasia para Todos sin experiencia con otras prácticas gimnásticas y el 49% tenía experiencia con otras prácticas motrices artístico-expresivas (distintas vertientes de danza, Ballet, Circo, entre otras). El estudio corrobora la importancia de Gimnasia para Todos para el acceso a la práctica de la gimnasia de la población adulta, confirmando aún más su potencial inclusivo y de diálogo con otras prácticas artístico-expresivas.

Introdução

A prática da Ginástica para Todos (GPT) é reconhecida com frequência pelo seu potencial inclusivo, que possibilita a participação de um público diversificado, incluindo até mesmo pessoas sem experiências gímnicas prévias. Historicamente, a GPT é associada a uma prática demonstrativa de ginástica em grupo que resulta em composições coreográficas coletivas apresentadas em diferentes espaços, fundamentalmente em festivais (Patrício; Carbinatto, 2023), alinhando-se ao discurso associado ao lazer (Domingues; Tsukamoto, 2021), a diversidade e a inclusão do contexto esportivo contemporâneo (Eichberg, 2011; Hylton; Totten, 2013; Simon, 2012; Cunningham, 2019) e permitindo formas múltiplas do *fazer gímnico*. Essa diversidade, fortemente atribuída como uma de suas características, revela-se não apenas nas variadas e criativas coreografias vistas nos festivais ginásticos, mas especialmente nos diferentes corpos, habilidades e técnicas que seus(suas) praticantes trazem consigo.

Caracterizada como a vertente gímnica que possibilita mais facilmente o contato/início tardio de adultos(as) e idosos(as) na ginástica, a GPT conta com proposições técnicas diferentes do que estamos habituados a ver, especialmente no contexto da ginástica, em que há uma primazia das questões técnicas (Bortoleto, 2012). A diferença, no entanto, não está na ausência da técnica. Em uma prática na qual os grupos podem ser tão heterogêneos e em que as pessoas podem, portanto, possuir habilidades tão distintas, a técnica não só pode como deve ser uma constante nas atividades cotidianas/treinos dos grupos, nos processos de composição coreográfica, nas apresentações, sobretudo pelas premissas de segurança dos(as) praticantes. A diferença, na realidade, se instala na forma como a técnica é abordada, desenvolvida, processualmente construída a partir das “condições corporais” de cada grupo (Bortoleto, 2008a), em função de seus respectivos perfil e objetivo, bem como das possibilidades para a criação daquilo que conhecemos como “linguagem comum de movimento” (Paoliello *et al.*, 2014; Graner; Paoliello; Bortoleto, 2017).

Uma das razões que garante essa técnica mais flexível no contexto da GPT é a ausência de códigos gestuais institucionalizados nesta prática gímnica (Silva *et al.*, 2021), característica já explorada em outros trabalhos nos quais sistematizamos, a partir da teoria da Ação Motriz (Parlebas, 2000; 2021), uma leitura da GPT como uma prática motriz que admite a constituição de múltiplas lógicas internas para o seu desenvolvimento (Menegaldo; Bortoleto; Mateu, 2023). Isto é, a GPT admite diferentes formas de organização dos grupos e dos elementos básicos que compõe o seu sistema – participantes, implementos/materiais, espaços e tempo. Independentemente da forma como estes elementos se relacionam e como dão origem

a um sistema complexo, vale reforçar que qualquer das lógicas emergentes será de natureza sociomotriz (Menegaldo, 2022) e colocará a atenção da prática em elementos como cooperação e comunicação (Parlebas, 2021). Complementarmente, assumimos a GPT como uma prática motriz que detém um caráter artístico-expressivo por constituir-se por um conjunto de Situações Motrizes de Expressão (SME) (Mateu, 2010):

Podemos nos referir as SME como Situações nas quais o objetivo final não se resume unicamente em uma ação motriz ou a uma marca, e sim práticas que exigem uma comunicação de ordem referencial, expressiva e poética. [...] Em outras palavras, as decisões que definem as interações entre os componentes sistêmicos se apresentam no quadro de uma interrelação comunicativa simbólica emotiva/poética entre os protagonistas/praticantes e os espectadores, condição muito diferente daquelas observadas em situações motrizes, por exemplo, de natureza esportiva (Mateu; Bortoleto, 2017, p. 51-52, tradução nossa)ⁱ.

Institucionalmente atrelada aos princípios de inclusão e participação; potencialmente podendo assumir múltiplas lógicas internas; com a possibilidade de padrões técnicos flexíveis; e, com a ausência de categorias etárias e de quaisquer outras separações pré-estabelecidas quanto ao sexo, habilidade e níveis de performance (FIG, 2023), a GPT, de fato, parece protagonizar um papel expressivo na abertura e no acesso à prática da ginástica para públicos que não antes transitaram entre as práticas gímnicas. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi identificar e discutir as experiências prévias de praticantes brasileiros(as) adultos(as) de GPT com práticas gímnicas e artístico-expressivas, de forma a averiguar as tendências e possíveis trânsitos em práticas recorrentemente associadas à essa vertente gímnica.

Desenho metodológico

Este estudo é parte de uma pesquisa mais abrangente, desenvolvida sobre a dimensão social da prática da GPT (Menegaldo, 2022). Entre as variáveis estudadas no referido estudo, encontram-se as práticas corporais prévias dos colaboradores(as) da pesquisa. Nesse sentido, ressaltamos que o recorte apresentado neste trabalho se trata de um estudo com desenho metodológico quantitativo (Gil, 2019), com abordagem exploratória e delineamento transversal.

Participaram da pesquisa 378 integrantes adultos de 22 grupos brasileiros de GPT, provenientes das cinco regiões do Brasil. Os 22 grupos participantes atendiam aos seguintes critérios de inclusão de **grupos**: a) grupo ativo no momento da coleta

de dados; b) mínimo três anos de atividades regulares; c) participação em, no mínimo, um dos festivais de GPT elencados pelos(as) pesquisadores(as) nos últimos cinco anos – *World Gymnaestrada*, Fórum Internacional de Ginástica para Todos, Congresso Brasileiro de Ginástica para Todos e GymBrasil; d) grupos constituídos, majoritariamente, por maiores de idade. O contato com os(as) integrantes foi mediado pelos(as) coordenadores(as) dos grupos, os(as) quais disponibilizaram uma listagem dos membros ativos e com participação de, no mínimo, seis meses – critérios de inclusão de **integrantes**. Abaixo, na Tabela 1, é possível observar dados de perfil dos grupos participantes do estudo:

Tabela 1: Perfil dos grupos participantes da pesquisa

Grupo	Região do país	Vínculo institucional	Integrantes
G1	Norte	Extensão universitária	11
G2	Sul	Extensão universitária	12
G3	Centro-Oeste	Extensão universitária	13
G4	Centro-Oeste	Extensão universitária	24
G5	Sudeste	Outra filiação	13
G6	Sudeste	Extensão universitária	9
G7	Sudeste	Outra filiação	37
G8	Centro-Oeste	Extensão universitária	16
G9	Sudeste	Outra filiação	13
G10	Sudeste	Outra filiação	12
G11	Sudeste	Extensão universitária	19
G12	Sudeste	Extensão universitária	31
G13	Sudeste	Extensão universitária	11
G14	Sudeste	Extensão universitária	25
G15	Sudeste	Extensão universitária	21
G16	Nordeste	Extensão universitária	26
G17	Sudeste	Extensão universitária	12
G18	Sudeste	Extensão universitária	13
G19	Sudeste	Outra filiação	9
G20	Sudeste	Outra filiação	15
G21	Sudeste	Extensão universitária	19
G22	Sudeste	Outra filiação	17

Fonte: Elaboração dos(as) autores(as).

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário on-line (Bihu, 2021; Faleiros *et al.*, 2016), elaborado via plataforma *Google Forms*. O instrumento foi elaborado para esta pesquisa, elaboração fundamentada em estudos pilotos realizados com grupos de GPT não incluídos na amostra do estudo. As perguntas que compuseram o recorte do presente estudo eram questões objetivas que faziam



referência ao contato/prática com/da ginástica – com exceção da GPT, detalhamento desta experiência (quando houvesse) e contato com outras práticas artístico-expressivas, isto é, com outras Situações Motrizes de Expressão (Mateu, 2010).

Os dados obtidos no questionário foram tabulados em uma planilha eletrônica no *Microsoft Excel*, com objetivo de organizá-los nas diferentes categorias de análise, a saber: a) frequência de prática gímnica; b) nível de envolvimento com práticas gímnicas; c) frequência de prática de outras práticas artístico-expressivas. Em sequência, o processo de análise dos dados foi realizado utilizando ferramentas básicas da Estatística Descritiva (Bussab; Morettin, 2017). Por fim, destacamos que a participação no estudo foi viabilizada mediante leitura e aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme previsto na aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas (CAAE: 13426719.3.0000.5404) sob o parecer n. 3.402.681.

Resultados e discussões

Os dados permitiram inferir, inicialmente, que para 212 dos(as) 378 respondentes, a GPT foi a primeira e única prática gímnica com a qual tiveram contato ao longo da vida,[#] o que indica que menos da metade de seus(suas) praticantes, mais precisamente 43,9%, tiveram alguma experiência anterior com as modalidades ginásticas esportivizadas, entre elas a Ginástica Artística, a Ginástica Rítmica e a Ginástica Acrobática. Nesse sentido, a possibilidade de início tardio da prática da ginástica parece ser, a partir desses números, algo amplamente viável no contexto da GPT. Ao pensarmos em modalidades gímnicas como a Ginástica Artística e a Ginástica Rítmica, por exemplo, essa possibilidade mostra-se, por ora, mais tímida, uma vez que infelizmente a oferta e o acesso a essas práticas no contexto brasileiro estão direcionadas em sua maioria para o público infantojuvenil, em clubes socioesportivos e projetos extracurriculares em escolas e, em muitos casos, a permanência na modalidade está condicionada ao envolvimento do praticante em níveis de rendimento esportivo. Dessa forma, a GPT figura no contexto gímnico como uma prática acessível que permite, devido a suas múltiplas lógicas, o contato com a ginástica por parte de outros públicos além do infantil, de ginastas ativos e de ex-ginastas. Esta acessibilidade está diretamente associada a flexibilização do conceito de técnica gímnica que é possível na prática da GPT (Bortoleto, 2008a). O Gráfico 1 a seguir detalha o perfil de cada grupo com relação a este acesso.

Gráfico 1: Frequência de integrantes com experiências gímnicas por grupo

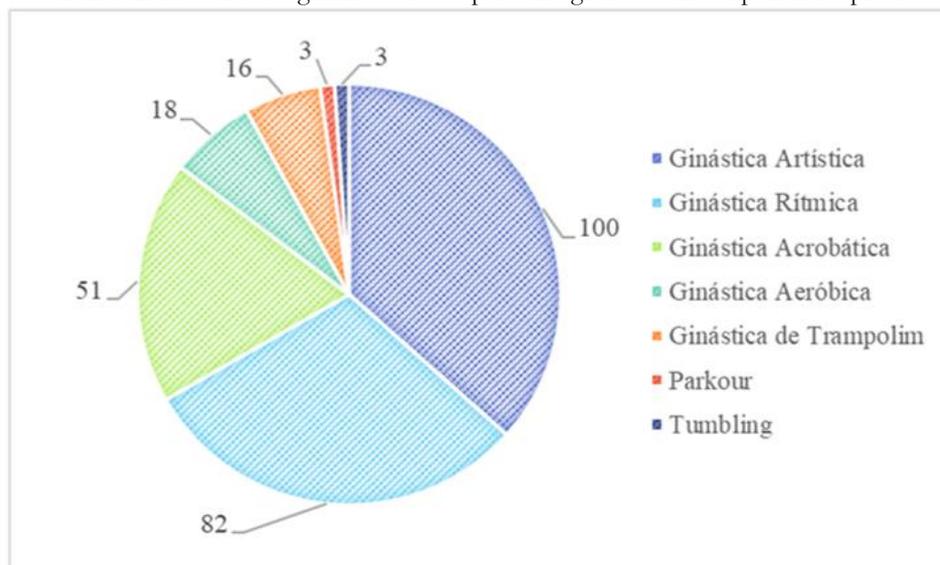


Fonte: Elaboração dos(as) autores(as).

Dentre os 22 grupos, 14 são compostos por integrantes que na sua maioria não tiveram experiências prévias com a ginástica. Ao considerarmos o desenvolvimento da prática no cenário nacional, é necessário pontuar sua relevante relação com o contexto da extensão universitária (Batista, 2019; Toledo; Silva, 2020) e, conseqüentemente, o papel fundamental da universidade como promotora dessa prática gímnica, particularmente para a população adulta e, portanto, da possibilidade de início/contato tardio na prática da GPT. Esse protagonismo dos projetos extensionistas de GPT no Brasil também contribui para que as propostas que norteiam os grupos de GPT universitários permitam que estes espaços figurem como porta de acesso à pessoas que buscam esse primeiro contato, mas também como uma possibilidade de “continuidade” após uma carreira/experiência esportiva em algum modalidade gímnica esportivizada, tendência observada em países como Alemanha e Suíça. A universidade, portanto, acaba por potencializar os grupos extensionistas de GPT como um espaço plural de acesso à ginástica, envolvendo em muitos casos, suas comunidades interna e externa, que se deparam com projetos movidos pelo viés da participação e da inclusão (Costa *et al.*, 2020; Contessoto *et al.*, 2021; Lopes; Carbinatto, 2023; Lopes; Santos, 2021).

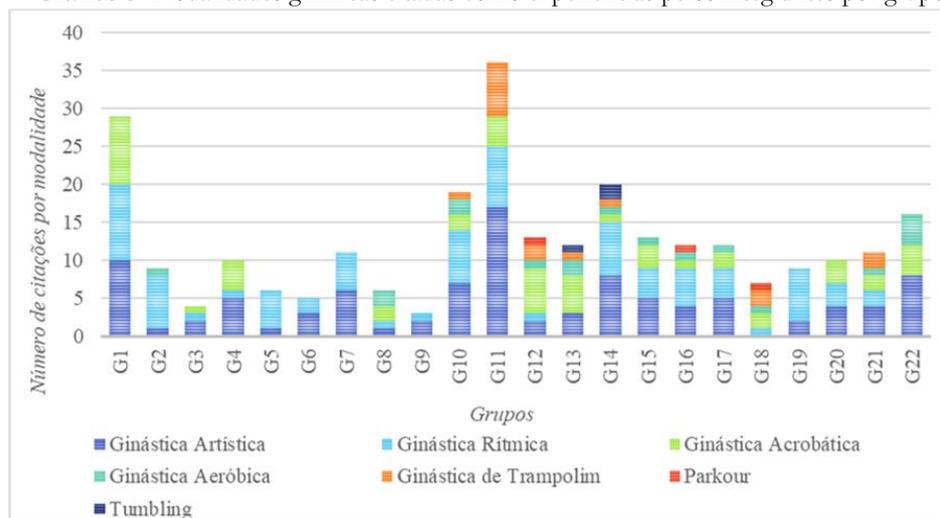
Quanto às experiências prévias que foram indicadas, os gráficos a seguir dão foco as diferentes modalidades com quais os(as) 166 participantesⁱⁱⁱ relataram terem tido contato.

Gráfico 2: Modalidades gímnicas citadas pelos integrantes como experiências prévias



Fonte: Elaboração dos(as) autores(as).

Gráfico 3: Modalidades gímnicas citadas como experiências pelos integrantes por grupo



Fonte: Elaboração dos(as) autores(as).

Ainda que não mencionadas nos gráficos acima, já que citadas apenas uma vez, as modalidades Ginástica Estética de Grupo, Roda Ginástica e Rope Skipping também estiveram presentes entre as respostas. Assim, os(as) 166 praticantes citaram ao todo 276 diferentes experiências prévias entre diferentes modalidades gímnicas. Entre as maiores frequências, estão as citações referentes à Ginástica Artística e à Ginástica Rítmica, que reúnem 65,9% das experiências relatadas. Esse dado corrobora com a diferença aparente entre o desenvolvimento, divulgação e promoção dessas duas modalidades no país quando comparadas às demais disciplinas esportivizadas organizadas pela Confederação Brasileira de Ginástica (CBG). Essa diferença não reflete exatamente o desempenho no cenário internacional, dado que modalidades como a Ginástica Aeróbica e a Ginástica de Trampolim já figuraram em posições

expressivas no cenário competitivo mundo a fora (Roveri; Carrara; Bortoleto, 2017). Ainda assim, a Ginástica Artística e a Ginástica Rítmica aparecem em diferentes estudos num lugar de maior popularização e reconhecimento no país (Bortoleto; Schiavon, 2018), sendo as próprias redes sociais da CBG responsáveis por essa promoção e reforço dessa tendência (Reis-Furtado *et al.*, 2020), além de resultados recentes destas disciplinas no cenário competitivo internacional.

Essa predominância é visível nos dados, com exceção de alguns grupos (G1, G4, G12, G13, G20 e G22), nos quais a distribuição entre as experiências aparece de forma mais equilibrada, mostrando a Ginástica Acrobática, na maior parte dos casos, de forma párea à Ginástica Artística e à Ginástica Rítmica. Para além de revelar tendências com relação à adesão das diferentes modalidades gímnicas entre os(as) integrantes, estes dados nos fazem questionar quais são as possíveis influências que essas experiências prévias podem acarretar, quando muito presentes, em um grupo de GPT: no predomínio de determinados Padrões Básicos de Movimento, nas influências coreográficas, no modo de funcionamento interno do grupo, nas relações entre os integrantes (Almeida; Bortoleto, 2016). Considerando a perspectiva praxiológica para a compreensão das diferentes Situações Motrizes que conformam essas práticas gímnicas, vale a pena fazermos algumas ressalvas com relação a lógica interna dessas modalidades gímnicas.

Na perspectiva praxiológica, a ideia de transferência de aprendizagem é algo a ser considerado e não está, segundo Parlebas, vinculada única e exclusivamente a execução de uma tarefa ou técnica, corporalmente falando:

O efeito da transferência não se limita aos fenômenos biomecânicos, mas pode intervir nos comportamentos pré-ação, nas atitudes semiotrizes, nas questões afetivas e relacionais e nos comportamentos de decisão motriz (2001, p. 460, tradução nossa)^{iv}.

Dessa forma, ao observarmos as lógicas das práticas ginásticas a partir da classificação proposta por Bortoleto (2008b), identificamos que dentre as disciplinas citadas apenas a Ginástica Acrobática e a Ginástica Estética de Grupo fundamentam suas práticas, sobretudo, em Situações Sociomotrizes – similar à GPT – sendo as únicas que possuem apenas provas em grupo. A Ginástica Rítmica, a Ginástica Aeróbica e o Rope Skipping também podem ofertar situações com interação direta entre seus praticantes, porém essa informação não foi detalhada no questionário. Ainda assim, se considerarmos que as experiências citadas com Ginástica Rítmica, Ginástica Aeróbica e Rope Skipping contemplaram a dimensão sociomotriz dessas

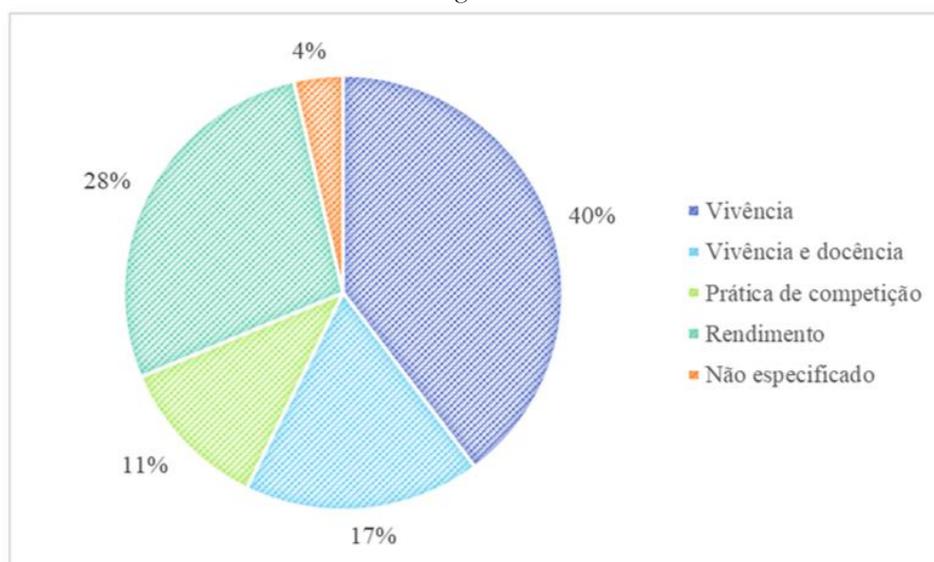


modalidades, teremos 55,43% das experiências mencionadas no campo das Situações Sociomotrizas.

Ainda que as modalidades tenham diferenças em relação à GPT – principalmente ao considerarmos a presença dos Códigos de Pontuação e, portanto, das referências mais restritivas quanto à técnica nessas disciplinas –, é certo que o contato com essas práticas, por serem sociomotrizas, permite uma familiaridade e uma aproximação maior com a GPT, já que exigem, do ponto de vista de suas lógicas internas, a interação e comunicação motriz (Parlebas, 2001). Prática psicomotrizas, como a Ginástica Artística e as vertentes individuais das modalidades Rítmica, Trampolim e Aeróbica, por tratar-se de práticas desprovidas de redes de interação motriz, acabam por potencializar a automação e uma maior centralidade no desempenho individual, uma vez que operam com base em lógicas internas que são livres de cooperação e comunicação com companheiros(as). Essa distinção altera significativamente o sistema das práticas, ainda que estejamos falando de práticas gímnicas em todos os casos. Nesse sentido, quando pensamos nos praticantes que possuem experiências anteriores com práticas gímnicas psicomotrizas, é coerente pensarmos em uma transferência, nos termos de Parlebas (2001), de habilidades, domínios e técnicas no que diz respeito a ginástica em si. Porém, a natureza coletiva da GPT e, conseqüentemente, as habilidades cooperativas necessárias para desenvolvê-la não estão presentes nas modalidades gímnicas psicomotrizas como estão nas sociomotrizas – habilidades que, na visão praxiológica, também são passíveis de transferência.

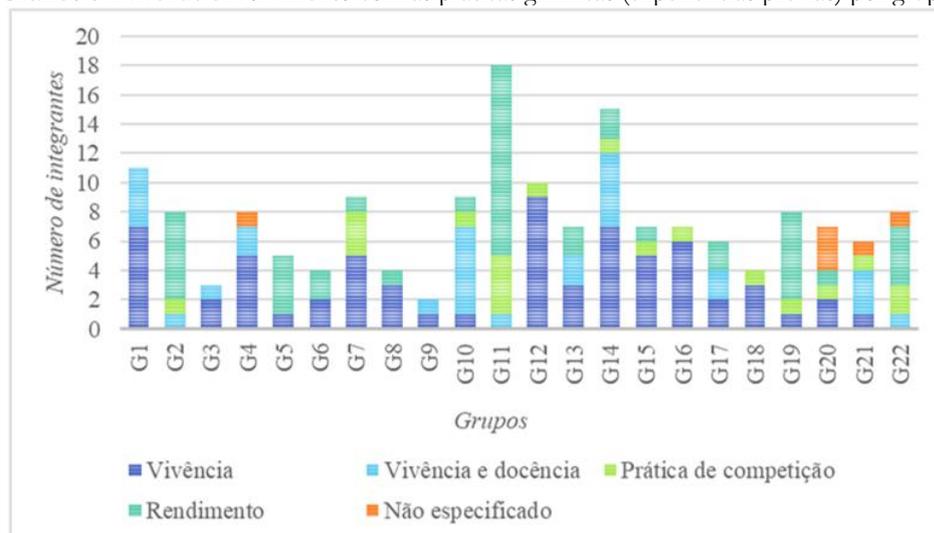
Um dos fatores que devemos considerar acerca desses precedentes de ordem gímnica é o nível de envolvimento com a modalidade. Esse dado modula os objetivos em aderir à prática, ao conhecimento das regras, ao tipo de ambiente (infraestrutura), à participação em eventos, ao nível de competitividade, à rigidez com relação a técnica e a performance e, em muitos casos, ao comprometimento do praticante com a modalidade. Dessa forma, os gráficos 4 e 5 detalham esse aspecto das experiências mencionadas.

Gráfico 4: Nível de envolvimento com as práticas gímnicas (experiências prévias) dos integrantes^v



Fonte: Elaboração dos(as) autores(as).

Gráfico 5: Nível de envolvimento com as práticas gímnicas (experiências prévias) por grupo



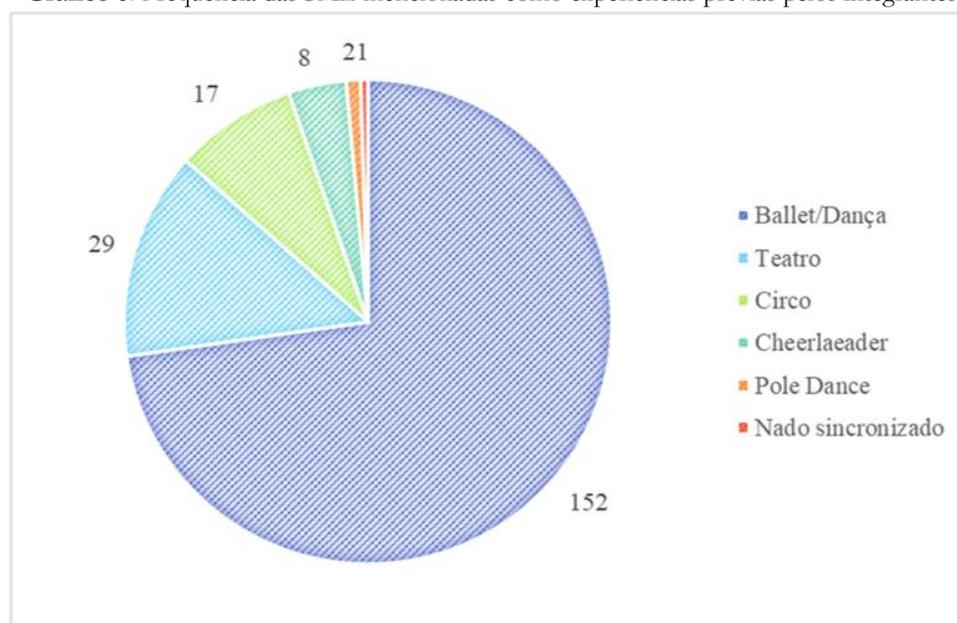
Fonte: Elaboração dos(as) autores(as).

Por meio dos Gráficos 4 e 5 podemos inferir que 68% das experiências citadas figuram em contextos que, ao menos em teoria, são menos rígidos, voltados para o lazer, o que permite flexibilizações das diretrizes que conduzem as modalidades, incluindo adaptações nos Códigos de Pontuação, por exemplo. Esse fato é importante uma vez que, ao flexibilizarmos um conjunto de regras, acabamos, muitas vezes resignificando a prática e alterando a sua lógica, ainda que aos olhos do praticante, a modalidade permaneça a mesma. Um exemplo pode ser dado a partir de algumas situações que ocorrem nos projetos extensionistas. Na FEF-Unicamp, por exemplo, nos últimos anos, destacaram-se como opções de acesso a prática da ginástica turmas

de “Trampolim” e de “Ginástica Acrobática” (Almeida, 2016; Godoy, 2018), ambas voltadas para adultos. Nesse contexto, no entanto, esses estudos apontam o desenvolvimento dessas modalidades a partir de metodologias diferentes das que usualmente encontramos nos ginásios e o que se vê nestes projetos parece ser o desenvolvimento de práticas “fundamentadas” nessas modalidades. Entendemos, portanto, que parte das experiências categorizadas como “Vivência” e “Vivência e docência”, provavelmente, fazem referência a situações como as descritas acima. Como pessoas que já circularam e, inclusive, vivenciaram esses diferentes envolvimento com a ginástica, nos pareceu justo diferenciar esse aspecto.

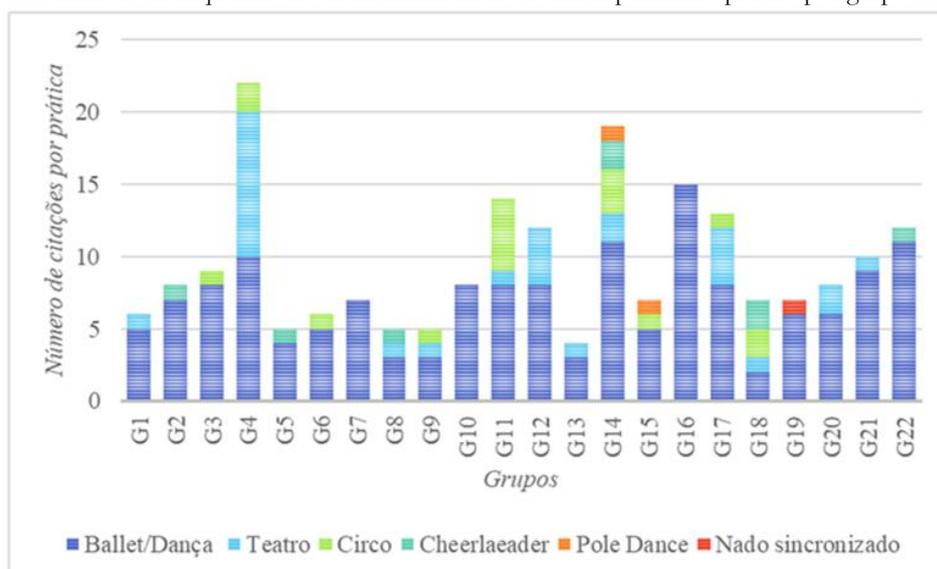
Os(as) participantes da pesquisa também indicaram outras experiências que foram categorizadas como práticas corporais artísticas/expressivas que, em concordância com o que mencionamos anteriormente, são compreendidas desde a teoria praxiológica como Situações Motrizes de Expressão (SME) (Mateu; Bortoleto, 2011; 2017). Dessa forma, entre os(as) 378 respondentes, 186 registraram o contato com diferentes SME, representando 49% dos participantes. Essas experiências são distribuídas entre os grupos de forma mais equilibrada do que as experiências gímnicas, fazendo com que 13 dos 22 tenham mais da metade de seus integrantes com experiências em práticas corporais artísticas/expressivas. Da mesma forma que na pergunta sobre ginástica, os(as) integrantes puderam mencionar uma ou mais práticas e, por isso, identificamos 209 menções de diferentes SME. A seguir, no Gráfico 6, apresentamos as práticas com mais aparições, seguido do Gráfico 7, com as citações por grupo:

Gráfico 6: Frequência das SME mencionadas como experiências prévias pelos integrantes



Fonte: Elaboração dos(as) autores(as).

Gráfico 7: Frequência das SME mencionadas como experiências prévias por grupo



Fonte: Elaboração dos(as) autores(as).

O destaque da categoria “Ballet/Dança” chama atenção, com 75% das citações, presente como experiência de integrantes em todos os grupos. No entanto, essa alta frequência não é algo inesperado, dado que o diálogo da GPT com a dança é algo recorrente e facilmente identificado em muitas das composições coreográficas que encontramos nos festivais ginásticos (Carbinatto; Soares; Bortoleto, 2016; Rufino *et al.*, 2022; Correa; Soares; Carbinatto, 2022; Oliveira *et al.*, 2018; Silva; Zylberberg, 2016). Ainda que seja cada vez menos comum, é possível ainda hoje observarmos a presença de grupos que se autodenominam como grupos de dança nos festivais, uma vez que as fronteiras entre “o que é dança” e “o que é Ginástica para Todos” nem sempre ficam tão bem delimitadas, em função desta ausência de regulamentação gestual.

Na realidade, os festivais de GPT não são espaços que carecem dessa delimitação, uma vez que seu propósito é justamente possuir diretrizes que viabilizem a participação sem categorizações ou exigências quanto a execução das coreografias (Patrício; Bortoleto, 2015; Silva *et al.*, 2021), ainda que se pense, predominantemente, na adesão de grupos de GPT. Mais uma vez aqui é possível identificarmos os desdobramentos de um “código ludomotor” (Parlebas, 2001) – ou, de um conjunto de regras – não tão rígido: é possível que tenhamos grupos que tem suas raízes em manifestações distintas da ginástica e ainda assim conseguem, com adaptações e ajustes – especialmente no que diz respeito à presença de elementos corporais característicos e dos Padrões Básicos da Ginástica (Nunomura, 2000), transitar nos espaços da GPT. Esse contexto se amplifica tendo em vista que a dança é apresentada como um possível “elemento” desta prática pelo próprio Manual da FIG (2023), que

sugere que a prática da GPT pode combinar e envolver “ginástica com e sem aparelhos” e “ginástica e dança” (FIG, 2023, p. 6).

Ao olharmos esse dado e trazê-lo para a nossa realidade, talvez o diálogo com as SME seja mais positivo do que concluímos numa primeira impressão. A primeira razão pela qual podemos encarar essa proximidade de forma “vantajosa” para a GPT é pensar que possuir experiências com as demais SME pode auxiliar no desenvolvimento do próprio caráter expressivo dos(as) integrantes, dado que não só dinâmicas e movimentos da dança, mas também das artes cênicas, como os jogos teatrais e de improvisação, podem tornar-se parte do cotidiano do grupo, oferecendo momentos ricos de trabalho da expressão corporal. Além disso, as SME também se constituem como práticas que estimulam não só o desenvolvimento, mas o reconhecimento da alteridade que permeia as práticas expressivas (Mateu, 2010), o que muitas vezes parece passar de forma despercebida no contexto das práticas gímnicas.

Para além disso, o diálogo com outras práticas corporais é algo não só possível, mas desejável no contexto da GPT. Isso porque a combinação de “diferentes interpretações da ginástica [...] com outras formas de expressão corporal (dança, folclore, jogos, teatro, mímica)” (Pérez-Gallardo; Souza, 1995, p. 292) é, mais do que uma estratégia para diversificar e tematizar uma composição coreográfica (Almeida, 2016; Soares; Almeida; Bortoleto, 2016), uma forma de aproximar pessoas sem nenhum tipo de experiência gímnica, mas que encontram no espaço de prática da GPT um ambiente em que podem praticar ginástica e quem sabe ainda participar de forma ativa de seus respectivos grupos, trazendo contribuições com experiências em outras áreas ou, mais especificamente nesse momento, em outras SME. Assim, portanto, ao verificarmos nos dados grande quantidade de integrantes com contato com a dança e, mais do que isso, a presença da dança em diferentes espaços de manifestação da GPT como, por exemplo, os festivais (Soares; Carbinatto; Bortoleto, 2016), parece ser que, em um contexto como o do Brasil, onde a dança é mais popularizada e praticada pelo público adulto do que a ginástica, a dança talvez seja um caminho para acessar pessoas que talvez tenham vontade e disposição para se envolverem com a GPT.

Considerações finais

Este estudo teve o intuito de olhar atentamente para as experiências corporais dos(as) praticantes de Ginástica para Todos, de modo a permitir a identificação de tendências acerca destes saberes que possam auxiliar na compreensão do cenário desta prática gímnica em nosso país. Nesse sentido, parece ser que os dados conversam diretamente com a realidade que acompanhamos nas entrelinhas da literatura, nas composições coreográficas apresentadas nos festivais ginásticos, no cotidiano dos

grupos de prática e em outros espaços em que a Ginástica para Todos vem transitando no contexto brasileiro.

Entre os achados mais relevantes aqui discutidos, destacamos: a) a possibilidade de acesso à prática da Ginástica para Todos por pessoas sem quaisquer experiências anteriores com outras vertentes gímnicas – o que confirma seu potencial participativo e inclusivo; b) o protagonismo das disciplinas Ginástica Artística e Ginástica Rítmica entre as experiências relatadas no mundo da ginástica por parte dos(as) participantes, o que corrobora um maior reconhecimento destas modalidades no cenário estudado – fato que influencia não apenas uma maior oferta e acesso a estas práticas no mercado/campo, mas também sua forte presença nos currículos de graduação em Educação Física, afetando diretamente o contato do significativo público universitário que constitui boa parte dos grupos estudados; c) o expressivo envolvimento dos(as) participantes com práticas artístico-expressivas como a Dança, o Ballet e o Circo, dado que sem dúvidas coaduna a forte presença de elementos e influências advindos destas práticas nas composições coreográficas e, portanto, nos festivais de Ginástica para Todos.

Com todo o exposto, desejamos que este estudo possa contribuir com reflexões de outros(as) pesquisadores(as), professores(as), coordenadores(as) de grupo e demais agentes que estão direta ou indiretamente envolvidos em ações que colaboram para o desenvolvimento da Ginástica para Todos no território brasileiro, tornando cada vez mais preciso o conhecimento acerca do perfil dos(as) praticantes e dos grupos de prática em nosso país. Complementarmente, desejamos também que outros esforços científicos nesta direção sejam incentivados por este estudo, de forma a preencher lacunas e contornar limites de nossa investigação, oportunizando avanços no desenvolvimento desta vertente gímnica que parece constituir-se como importante via de acesso à prática da Ginástica.

Agradecimentos

Agradecemos a todos(as) os(as) integrantes dos grupos de Ginástica para Todos que tornaram possível a realização desta pesquisa. Também agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que financiou parcialmente este estudo (CNPq-GD n° 140497/2019-6).



Referências

- ALMEIDA, Tabata Larissa. **Composição coreográfica coletiva e tematização como estratégias pedagógicas para o ensino/aprendizagem da acrobacia coletiva**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2016.
- ALMEIDA, Tabata Larissa; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho Bortoleto. Sobre o ensino da acrobacia coletiva e sua relação com a Ginástica para todos. *In: OLIVEIRA, Michelle; TOLEDO, Eliana de (Orgs.). **Ginástica para todos**: possibilidades de formação e intervenção*. Anápolis: UEG, 2016.
- BATISTA, Mellina Souza. **Extensão universitária: análise dos grupos de ginástica para todos**. Dissertação (Mestrado em Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e Esporte). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019.
- BIHU, Reuben. Questionnaire Survey Methodology in Educational and Social Science Studies. **International Journal of Quantitative and Qualitative Research Methods**, v. 9, n. 3, p. 40–60, 2021.
- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. A Ginástica Artística estudada a partir da ótica da Praxiologia Motriz: reflexões preliminares. *In: RIBAS, João Francisco Magno (org.). **Jogos e Esportes**: Fundamentos e Reflexões da Praxiologia Motriz*. Santa Maria: Editora UFSM, 2008b.
- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Uma reflexão sobre o conceito de técnica na ginástica geral. *In: PAOLIELLO, Elizabeth. (Org.). **Ginástica geral**: experiências e reflexões*. São Paulo: Phorte, 2008a.
- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. La lógica pedagógica de la Gimnasia: entre la ciencia y el arte. **Acción Motriz**, n. 9, 2012.
- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; SCHIAVON, Laurita Marconi. Pequena notável: ensaio sociológico sobre a Ginástica Artística brasileira. *In: GIGLIO, Sérgio Settani; AMARAL, Silva Cristina Franco Amaral; RIBEIRO, Olivia Cristina Ferreira Ribeiro; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho (Orgs.). **Múltiplos olhares sobre os Jogos Olímpicos***. São Paulo: Editora Intermeios, v. 1, p. 81-104, 2018.
- CONTESSOTO, Gabriela Simonetti de Moraes; MENEGALDO, Fernanda Raffi; PATRÍCIO, Tamiris Lima; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Ginástica para Todos e corpos experientes: um diálogo entre a ginástica e outras práticas corporais. **Caderno de Educação Física e Esporte**, 19, n. 2, p. 57–63, 2021.
- CORRÊA, Lionela da Silva; SOARES, Artemis; CARBINATTO, Michele Viviene. Ginástica Para Todos e Identidade Amazônica: Caminhos à Decolonialidade. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 19, n. 60, p. 27–46, 2022.
- COSTA, Andrize Ramires; BOZZATO, Lucas Vargas; DUTRA, Eduarda Vesfal; SOUZA, Ana Paula Dias. A Ginástica para Todos na extensão universitária: sentidos e significados de participantes ingressantes. **Expressa Extensão**, v. 25, n. 3, p. 320-332, 2020.

CUNNINGHAM, George B. **Diversity and Inclusion in Sport Organizations: a multilevel perspective.** Nova York: Routledge, 2019.

DOMINGUES, Laís Santos; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz. Ginástica para todos e lazer: onde seus caminhos se cruzam? **Corpoconsciência**, v. 25, n. 1, p. 171-186, 2021.

EICHBERG, Henning. **Bodily Democracy: Towards a Philosophy of Sport for All.** Londres: Routledge, 2011.

FALEIROS, Fabiana; KÄPPLER, Christoph; PONTES, Fernando Augusto Ramos; SILVA, Simone Souza da Costa; GOES, Fernanda dos Santos Nogueira de; CUCICK, Cibele Dias. Uso de questionário on-line e divulgação virtual como estratégia de coleta de dados em estudos científicos. **Texto contexto – enferm**, v. 25, n. 4, 2016.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). **Manual of Gymnastics for All.** Lausanne: FIG, 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas De Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 2019.

GODOY, Carolina. **O Jogo como uma possibilidade de ensino da Ginástica de Trampolim.** Monografia (Graduação em Educação Física). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2018.

GRANER, Larissa; PAOLIELLO, Elizabeth; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Grupo Ginástico Unicamp: potencializando as ações humanas. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PAOLIELLO, Elizabeth (Orgs.). **Ginástica para todos: um encontro com a coletividade.** Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

HYLTON, Kevin; TOTTEEN, Mick. Developing 'Sport for All': Addressing Inequality in Sport. In: HYLTON, Kevin. **Sport Development: Policy, Process and Practice.** Londres: Routledge, 2013.

LOPES, Priscila; CARBINATTO, Michele Viviene. Princípios da pedagogia freiriana na extensão universitária em Ginástica para Todos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 28, e280008, 2023.

LOPES, Priscila; SANTOS, Loizy Maria Gomes. "Ginasticando na Melhor Idade": Experiências da Ginástica para Todos em um Projeto de Extensão Universitária. **LICERE: Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 24, n. 1, p. 797–828, 2021.

MATEU, Mercè. **Observación y análisis de la expresión motriz escénica.** Estudio de la lógica interna de los espectáculos artísticos profesionales: Cirque du Soleil (1986-2005). Tese (Doutorado em Educação Física). Barcelona: Universitat de Barcelona, 2010.

MATEU, Mercè; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. La lógica interna y los dominios de acción motriz de las situaciones motrices de expresión (SME). **Emancipação**, v. 11, p. 129-142, 2011.



MATEU, Mercè; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Lá lógica interna del Circo: rasgos fundamentales. In: RIBAS, João Francisco Magno (Org.). **Praxiologia Motriz na América Latina**: aportes para a didática na Educação Física. Ijuí: Unijuí, 2017.

MENEGALDO, Fernanda Raffi. **A dimensão social da Ginástica para todos**: o que move as relações no interior dos grupos de prática? Tese (Doutorado em Educação Física). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2022.

OLIVEIRA, Jéssica da Silva Yahiro de.; SILVA, Felipe de Souza; MENEGALDO, Fernanda Raffi; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Ginástica para todos: notas sobre a composição coreográfica por praticantes idosas. **Motricidades**, v. 4, n. 3, p. 272-285, 2020.

OLIVEIRA, Michelle Ferreira de; IWAMOTO, Thiago; SOUZA, Lidia Acyole de; TOLEDO, Eliana de. Desmitificando a cultura cerratense por meio da Ginástica para Todos: Um estudo de caso do grupo de ginástica Cignus. **Conexões**, v. 16, n. 4, p. 433-449, 2018.

PAOLIELLO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana; AYOUB, Eliana; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; GRANER, Larissa. **Grupo Ginástico Unicamp: 25 anos**. Campinas: Editora Unicamp, 2014.

PARLEBAS, Parlebas. **Léxico de Praxiologia Motriz juegos, deporte y sociedad**. Barcelona: Editorial Paidotribo, 2001.

PATRÍCIO, Tamiris Lima; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Festivais ginásticos: princípios formativos na visão de especialistas. **Conexões**, v. 13, n. esp., p. 98-114, 2015.

PATRICIO, Tamiris Lima; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; CARBINATTO, Michele Viviene. Festivais de ginástica no mundo e no Brasil: reflexões gerais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 30, n. 1, p. 199-216, 2016.

PÉREZ GALLARDO, Jorge, SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado. La experiencia del Grupo Ginástico Unicamp en Dinamarca. In: **Anais Congresso Latino-americano ICHPER**, v. 3, p. 292-298, 1995.

REIS-FURTADO, Lorena Nabanete; PATRICIO, Tamiris Lima; BATISTA, Mellina Souza; CARBINATTO, Michele Viviene. Sport and Social Media: Analysis of the Brazilian Gymnastics Federation's Instagram. **Revista da Educação Física**, v. 32, p. 1-11, 2020.

ROVERI, Murilo Guarnieri; CARRARA, Paulo; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Ginástica de Trampolim: estudo sobre o processo de institucionalização e suas consequências no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 31, p. 51-62, 2017.

SILVA, Helen Maria Rodrigues; MENEGALDO, Fernanda Raffi; ALMEIDA, Tabata Larissa Almeida; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. O processo de esportivização das práticas ginásticas: particularidades da Ginástica para todos. **Acción Motriz**, v. 26, p. 52-63, 2021.

SILVA, Tailan Ewerk Dantas da; ZYLBERBERG, Tatiana Passos. Possibilidades de inserção da cultura popular da região norte do Brasil em coreografias de Ginástica para Todos. **Conexões**, v. 14, n. 4, p. 47–75, 2016.

SIMON, Darnell. **Sport for Development and Peace**. Londres: Bloomsbury Academic, 2012.

SOARES, Daniela Bento; ALMEIDA, Tabata Larissa; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Autonomia, criatividade e o processo de construção coletiva na Ginástica para todos. *In*: MIRANDA, Rita de Cássia; EHRENBERG, Mônica; BRATIFISCHE, Sandra (orgs.). **Temas emergentes da Ginástica para todos**. Várzea Paulista: Fontoura, 2016.

TOLEDO, Eliana de; SILVA, Paula Cristina da C. A Ginástica para Todos e suas territorialidades. **Corpoconsciência**, v. 24, n. 1, p. 71–82, 2020.

Recebido em: 13/11/2023

Aprovado em: 13/12/2023

Publicado em: 23/04/2024

ⁱNo original (Mateu; Bortoleto, 2017, p. 51-52): Podemos referirnos a las SME también como situaciones motrices de expresión y escénica y esos es, situaciones en las que el objetivo final no se resume únicamente en una acción motriz o a una marca, sino que exigen una comunicación de orden referencial, expresivo y poético. [...] Dicho de otro modo, las decisiones que define las interacciones entre los componentes sistémicos se explicitan en el marco de una interrelación comunicativa emotiva/poética simbólica entre los protagonistas (artistas) e los espectadores (actuales y expectantes), condición muy distinta de la observada en situaciones motrices por ejemplo de naturaleza deportiva.

ⁱⁱForam consideradas para essa resposta as disciplinas da FIG – Ginástica Artística, Ginástica Rítmica, Ginástica Acrobática, Ginástica Aeróbica, Ginástica de Trampolim e Parkour – e outras modalidades gímnicas que puderam ser incluídas no campo “Outra” da resposta.

ⁱⁱⁱ Os Gráficos 2 e 3 fazem referência à citação por modalidade e, por este motivo, podem apresentar um total de citações maior do que o total de pessoas com experiências (n=166) no caso do Gráfico 2, e maior do que o total de integrantes de cada grupo, no caso do Gráfico 3. Isso ocorre uma vez que uma mesma pessoa pode ter indicado o contato prévio com duas ou mais práticas gímnicas.

^{iv}No original: “El efecto de la transferencia no se limita a los fenómenos de tipo biomecánico, sino que puede intervenir en los comportamientos de preacción, en las actitudes semióticas, en los hechos afectivos y relacionales y en las conductas de decisión motriz” (Parlebas, 2001, 460).

^vA categoria “Vivência” diz respeito às experiências que foram descritas como um contato, em muitos casos, de curta duração (meses) e sem grandes exigências com relação à performance, muitos deles atrelada à prática de iniciação nos períodos de infância e adolescência. A segunda – “Vivência e docência” – faz referência às experiências que estão vinculadas com a atuação profissional, isto é, com o contato com as práticas durante a graduação, em projetos de extensão (como monitores) ou até mesmo integrantes que são professores/treinadores de outras modalidades gímnicas que não a Ginástica para Todos. Como “Prática de competição”, foram contabilizadas as respostas nas quais os integrantes mencionaram experiências, por vezes de longo prazo, mas não as descreveram como experiências no contexto do alto rendimento. Por fim, na categoria “Rendimento” alocamos os integrantes que relataram uma exposição ao contexto do treinamento, com uma experiência mais voltada para a performance durante o período de prática.